AVISOS

Grupo de Leitores: São convocados todos os inscritos para o grupo de leitores para uma reunião na próxima terça-feira, dia 15, às 19:30 minutos, no Salão Paroquial.

Catequistas Auxiliares: Estão abertas as inscrições para o curso que começará em Setembro. Os interessados devem inscrever-se no Gabinete da Catequese, das 14 às 17 horas, de terça à sexta-feira.

Acólitos: Foram eleitos as acólitas: Francisca, para coordenadora; Jocelina, Secretária; Tesoureira, Marinela; Foram nomeados os acólitos Carla para Assessora da direcção, e Amilto para regente do grupo.

Crisma: Estão abertas as inscrições para o Crisma. Os interessados devem contactar a direcção da Catequese e Evangelização.

Música Lírica: A Associação dos Amigos do Carmo e o Grupo Coral Alegria realizam no próximo dia 27 de Agosto, das 16 às 18 horas, a tarde de música lírica no interior da Igreja. Os ingressos custam kz 2 500 e estão à venda no Gabinete de Catequese e Evangelização. O valor arrecadado será usado para pintar a nossa Igreja.

Casamentos: vão contrair o santo matrimónio em Agosto: dia 18, Telmo e Bila, às 18:00; dia 26, Elsio Duarte e Marta Gonga; Aires Mafuta e Silvia Gomes, às 19:30; dia 28, Paulo Baiúa e Amélia Baiúa. Em Setembro: dia 1, Mário Castelo Branco e Eva, às 18:00; Pedro Francisco e Paula Figueiredo, às 20:00; dia 8, Osvaldo e Delma, às 16:00 horas ; Nelma e Valdir, às 18:00; dia 16, Nelson e Benvinda, às 14:00.

Limpeza: A limpeza estará a cargo do grupo Santa Cecília

LITURGIA DA SEMANA III do SALTERIO

TRANSFIGURAÇÃO

Segunda-Feira, 14/07/2017

Dt 10, 12-22; Mt 17, 22-27– MO

Terça-Feira, 15/08/2017-Solenidade

Ap 11, 19a; 12, 1-6a. 10b; 1Cor 15, 20-27; Lc 1, 39-56

Quarta-Feira, 16/08/2017—MO

Dt 34, 1-12; Mt 18, 15-20

Quinta-Feira, 17/08/2017– Festa

Js 3,7-10a.11.13-17; Mt 18, 21— 19,1

Sexta-Feira, 18/08/2017

Js 24, 1-13; Mt 19, 3-12

Sábado, 19/08/2017

Js 24, 14-29; Mt 19, 13-15

LITURGIA DO PRÓXIMO DOMINGO

XX DOMINGO DO TEMPO COMUM-*Ano A*

1ª Leitura: Is 56, 1.6-7

Salmo: 66 (67)

2ª Leitura: Rm 11, 13-15. 29-32

Evangelho: Mt 15, 21-28

HORÁRIO DAS MISSAS

De segunda à quinta-feira: 18h30min

Sextas e feriados : 6h30min de manhã

Sábado: 17h – Missa em Inglês
18h30min – Missa em Português

Domingo: 7h30min – Missa para Adultos
9h30min– Missa para Crianças
11h – Missa para Jovens
18h30min – Missa para Adultos

MISSA DOS TRABALHADORES

Segundas e Quartas às 12h30min

Contacto e Ender eço:
Frades Dominicanos – Paróquia do Carmo, Largo Irene Cohen Nº4, Ingombota
Luanda – Angola / Telefone: 244 222 732261/ Portal do Carmo: http://www.pfcarmo.com

Mensagem do Carmo

Paróquia de Nossa Senhora do Carmo
Luanda—Angola, Edição Nº 396 13/08/2017

XIX DOMINGO– TEMPO COMUM, ANO A

PARAMENTO: Verde **GLÓRIA: SIM** **CREDO: SIM**

Mensagem do Papa Francisco para o 1º Dia Mundial dos Pobres (continuação)

Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de tudo, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminhar atrás d'Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de omnipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objectivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afectos (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2545).

Assumamos, pois, o exemplo de São Francisco, testemunha da pobreza genuína. Ele, precisamente por ter os olhos fixos em Cristo, soube reconhecê-Lo e servi-Lo nos pobres. Por conseguinte, se desejamos dar o nosso contributo eficaz para a mudança da história, gerando verdadeiro desenvolvimento, é necessário escutar o grito dos pobres e comprometermo-nos a erguê-los do seu estado de marginalização. Ao mesmo tempo recordo, aos pobres que vivem nas nossas cidades e nas nossas comunidades, para não perderem o sentido da pobreza evangélica que trazem impresso na sua vida.

Sabemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, para se poder identificar claramente a pobreza. E todavia esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos vincados pelo sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada!

Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes sectores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado. À pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar um trabalho, à pobreza que anestesia o sentido de responsabilidade, induzindo a preferir a abdicação e a busca de favoritismos, à pobreza que envenena os poços da participação e restringe os espaços do profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz: a tudo isso é preciso responder com uma nova visão da vida e da sociedade.

Todos estes pobres – como gostava de dizer o Beato Paulo VI – pertencem à Igreja por «direito evangélico» (Discurso de abertura na II Sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, 29/IX/1963) e obrigam à opção fundamental por eles. Por isso, benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem «se» nem «mas», nem «talvez»: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus.

6. No termo do Jubileu da Misericórdia, quis oferecer à Igreja o Dia Mundial dos Pobres, para que as comunidades cristãs se tornem, em todo o mundo, cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais carenciados. Quero que, aos outros Dias Mundiais instituídos pelos meus Antecessores e sendo já tradição na vida das nossas comunidades, se acrescente este, que completa o conjunto de tais Dias com um elemento requintadamente evangélico, isto é, a predilecção de Jesus pelos pobres.

Convido a Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade. São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai celeste. Este Dia pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do desc arte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todos, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente, ergueram fronteiras, muros e recintos, traindo o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão.

Desejo que, na semana anterior ao Dia Mundial dos Pobres – que este ano será no dia 19 de novembro, XXXIII domingo do Tempo Comum –, as comunidades cristãs se empenhem na criação de muitos momentos de encontro e amizade, de solidariedade e ajuda concreta. Poderão ainda convidar os pobres e os voluntários para participarem, juntos, na Eucaristia deste domingo, de modo que, no domingo seguinte, a celebração da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo resulte ainda mais autêntica. Na verdade, a realeza de Cristo aparece em todo o seu significado precisamente no Gólgota, quando o Inocente, pregado na cruz, pobre, nu e privado de tudo, encarna e revela a plenitude do amor de Deus. O seu completo abandono ao Pai, ao mesmo tempo que exprime a sua pobreza total, torna evidente a força deste Amor, que O ressuscita para uma vida nova no dia de Páscoa.

Neste domingo, se viverem no nosso bairro pobres que buscam protecção e ajuda, aproximemo-nos deles: será um momento propício para encontrar o Deus que buscamos. Como ensina a Sagrada Escritura (cf. Gn 18, 3-5; Heb 13, 2), acolhamo-los como hóspedes privilegiados à nossa mesa; poderão ser mestres, que nos ajudam a viver de maneira mais coerente a fé. Com a sua confiança e a disponibilidade para aceitar ajuda, mostram-nos, de forma sóbria e muitas vezes feliz, como é decisivo vivermos do essencial e abandonarmo-nos à providência do Pai.

Na base das múltiplas iniciativas concretas que se poderão realizar neste Dia, esteja sempre a oração. Não esqueçamos que o Pai Nosso é a oração dos pobres. De facto, o pedido do pão exprime o abandono a Deus nas necessidades primárias da nossa vida. Tudo o que Jesus nos ensinou com esta oração exprime e recolhe o grito de quem sofre pela precariedade da existência e a falta do necessário. Aos discípulos que Lhe pediam para os ensinar a rezar, Jesus respondeu com as palavras dos pobres que se dirigem ao único Pai, em quem todos se reconhecem como irmãos. O Pai Nosso é uma oração que se exprime no plural: o pão que se pede é «nosso», e isto implica partilha, comparticipação e responsabilidade comum. Nesta oração, todos reconhecemos a exigência de superar qualquer forma de egoísmo, para termos acesso à alegria do acolhimento recíproco.

Aos irmãos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos – que, por vocação, têm a missão de apoiar os pobres –, às pessoas consagradas, às associações, aos movimentos e ao vasto mundo do voluntariado, peço que se comprometam para que, com este Dia Mundial dos Pobres, se instaure uma tradição que seja contribuição concreta para a evangelização no mundo contemporâneo.

Que este novo Dia Mundial se torne, pois, um forte apelo à nossa consciência crente, para ficarmos cada vez mais convictos de que partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho.

COMENTÁRIO DAS LEITURAS

Os judeus tinham sido habituados à ideia de associar a presença de Deus a grandes fenómenos como trovões e relâmpagos, por exemplo. Ora, nesta primeira leitura (1 Rs 19,9.11-13), Deus manifesta-se ao profeta Elias, não por meio da tempestade ou do fogo, mas através da brisa suave. De facto, esta leitura vem contrariar algumas das nossas ideias sobre Deus: afinal ELE não se manife sta apenas através de grandes milagres. Deus também se revela por meio de pessoas simples como os pobres, os doentes e todos os que precisam de nós. Deus também se revela por meio da «brisa suave», isto é, através de acontecimentos simples da nossa vida diária. O mais importante é prestar atenção e saber ler os pequenos «sinais» dos tempos.

Na segunda leitura (Rm 9,1-5), Paulo mostra-se insatisfeito e com «dor profunda» porque, ao contrário do que ele pensava e esperava, os judeus não se converteram a Cristo. Foi por isso que Paulo se dirigiu aos outros povos não judeus, a exemplo dos gregos e romanos que acolheram o Evangelho. Estre trecho de Paulo faz-nos lembrar inúmeros cristãos por quem a Igreja se esforça, mas que não aceitam o Evangelho: uns abandonaram definitivamente a nossa Igreja e perderam a fé; outros são portadores de uma «fé turista», aparecendo na Igreja apenas para as celebrações festivas (Natal, Páscoa); e ainda outros que se mudaram para as seitas em busca de milagres. Mas, para a nossa satisfação, a grande maioria continua na nossa Igreja e professa a sua fé em Jesus Cristo, procurando vivê-la de acordo com as exigências do seu Baptismo: prática da caridade, vivência honesta, luta pela justiça e pela paz.

Como sabemos, ao longo da sua missão neste mundo, Jesus mostrou inúmeros poderes: poder sobre a morte (ressuscitou Lázaro); poder sobre a doença (devolveu a vista aos cegos, os ouvidos aos surdos, a fala aos mudos). Neste trecho do Evangelho (Mt 14,22-33), Jesus manifesta o Seu poder sobre as forças da natureza ao acalmar a tempestade que ameaçava o barco em que seguiam os apóstolos. Ora, o nosso mundo onde vivemos é um lugar de felicidade, mas também um cenário de inúmeras tempestades e «caos infernais»: doenças, injustiças, violência, mortes. Ao caminhar sobre o mar e ao acalmar a tempestade, Cristo revela-nos que, como Filho de Deus, Jesus tem domínio sobre a morte e sobre a natureza criada. Mas é necessário que, nas nossas lutas, tenhamos fé e não enfrentemos as tempestades da vida com medo: não nos afundaremos porque Jesus está connosco para nos orientar e socorrer.

Horário de Atendimento do Pároco / Vigário : Terça-Sexta

Terça-Feira:	16h-18h e 19h30min-20h30min
Quarta-Feira:	15h/18h - Visita aos Doentes e 19h30m-20h30m - Catequese de adultos
Quinta-Feira:	16h-18h e 19h30min-20h30min
Sexta-Feira:	16h-18h e 19h30min-20h30min
Sábado:	19h30min (salvo dias de casamentos)
Domingos:	No fim das Missas